


PARA ALÉM DO BINARISMO: A PERFORMATIVIDADE TRANS NO INTERROGATÓRIO DE ELEANOR RYKENER (1394)

BEYOND THE BINARY: TRANS PERFORMATIVITY IN THE INTERROGATION OF ELEANOR RYKENER (1394)


 <https://doi.org/10.22228/rtf.v18i2.1479>

Daniele Gallindo-Gonçalves



Universidade Federal de Pelotas

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0383-9154>


 E-mail: danigallindo@yahoo.de

Alexia Francis Peter Demari



Universidade Federal de Pelotas

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4152-3229>

 E-mail: lexypeter@hotmail.com

Resumo: Performatividade, vivência trans e gênero-fluido. Esses são conceitos que não seriam pensados, comumente, em relação ao medieval. Todavia, há de se inquirir as fontes pensando novas formas de se olhar para esse passado. Como pensar esses três conceitos relacionando-os à leitura de fontes produzidas no medieval? Com a finalidade de provocar novos olhares sobre antigas documentações, pretendemos instigar o leitor a pensar para além do binarismo de gênero, a partir da leitura do interrogatório de Eleanor Rykener (1394).

Palavras-chaves: Eleanor Rykener; Performatividade; Transgênero.

Abstract: Performativity, trans experience, and genderfluid. Those are concepts that would not commonly be associated with the medieval period. However, it is necessary to question the sources by considering new ways of looking at that past. How can we think about these three concepts in relation to the reading of sources produced in the Middle Ages? With the aim of provoking new perspectives on old documents, we intend to encourage the reader to think beyond gender binarism, through a reading of the interrogation of Eleanor Rykener (1394).

Keywords: Eleanor Rykener; Performativity; Transgender.

Quando se tem em mente a perspectiva de um senso comum em relação ao que se pensa de Idade Média, não é estranho que diversos conceitos e vivências sejam anulados ou considerados anacrônicos, na mesma medida em que estereótipos são reforçados. Até mesmo na historiografia tem-se um apagamento do que poderia ser categorizado como *fora do usual*, e no caso que aqui veremos, parecer *queer demais para o medieval*, não se atentando ao fato de que essa própria ação acaba por criar anacronismos, nos quais os

valores atuais são transportados para outra temporalidade em favor de uma visão que pareça mais uniforme e coesa.

Visões que tragam à tona questões de gênero para além dos aspectos vividos por pessoas cisgênero têm emergido nas últimas décadas, mas muitas ainda seguem o sistema de visualizá-las no espaço da *ficção*, com as fontes de suas histórias raramente sendo vistas como outra coisa que não sejam críticas à sociedade da época de sua autoria ou analogias vagas. Não é estranho que a identidade de gênero escolhida pelos personagens destas fontes seja desrespeitada pela historiografia, considerando que suas existências já estão em uma posição de *disrupção da realidade*, como é o caso da leitura de Goldberg¹ da fonte que veremos a seguir. Nesse sentido, o respeito que se daria ao nome e aos modos de se referir a estas figuras presentes na fonte não passa de um capricho, trazendo à tona análises que renegam a identidade e escolhas dos personagens contidos na fonte investigada. Tal crítica deve ser feita e a visão predominantemente cisgênero da história questionada, como Bychowski pontua:

A maior parte da produção acadêmica é, efetivamente, uma produção cisgênero, não apenas porque são, em sua maioria, acadêmicos cisgêneros que conquistaram a educação e as ferramentas para publicá-la, mas também porque a maior parte da produção acadêmica assume o status cisgênero de qualquer personagem ou figura histórica apresentada aos leitores. [...] Como resultado, Leituras trans não surgem imediatamente como as leituras principais, o que — se você olhar criticamente para este documento — não é nada menos que surpreendente. Ainda assim, leituras cisgênero de textos e histórias têm sido dominantes por tanto tempo que são tratadas como neutras².

Desta forma, pensamos aqui a necessidade de revisitar fontes desse passado recuado através de um olhar que evite repetições em relação a uma leitura voltada para compreender o gênero apenas em uma perspectiva binária, compreendendo, assim, que para além do binarismo há outras formas de existência que precisam ser consideradas e trazidas à luz. Para tanto, propomos, aqui, a análise do interrogatório de John/Eleanor Rykener³

¹ GOLDBERG, Jeremy. John Rykener, Richard II, and the Governance of London. In: *Leeds Studies in English*. 2014; Vol. 45. p. 49-70.

² Trecho em inglês: “Most scholarship is, effectively, cisgender scholarship, not only because it is mostly cisgender scholars who have claimed the education and tools to publish it but also because most scholarship assumes the cisgender status of any character or historical figure who is presented to readers. As a result, trans readings do not immediately spring to mind as the primary readings, which—if you look critically at this document—is nothing short of astonishing. Nonetheless, cisgender readings of texts and histories have been dominant for so long they are treated as neutral” (BYCHOWSKI, M. W. *The transgender turn: Eleanor Rykener speaks back*. In: LA FLEUR, Greta; RASKOLNIKOV, Masha; KLOSOWSKA, Anna (Org.). *Trans historical: gender plurality before the modern*. Ithaca: Cornell University Press, 2021, p. 95-113, aqui: p. 95). Todas as traduções presentes neste trabalho foram feitas pelas autoras, exceto quando constar o/a tradutor/a. Aproveitamos o ensejo para agradecer às pessoas pareceristas pela leitura atenta e por todas as preciosas sugestões incorporadas nesse artigo final.

³ Na maior parte do documento (cerca de quinze vezes), o escrivão utiliza o nome John Rykener, sendo o nome Eleanor mencionado apenas três vezes e dentro da estrutura “chamando a si Eleanor”.

(membrana 2 do Plea and Memoranda Roll A34, Corporation of London Records Office). O documento em questão foi compilado na obra do historiador A. H. Thomas, *Plea and Memoranda Rolls*, no qual constam registros jurídicos e administrativos da cidade de Londres. De acordo com Boyd e Karras, o documento permaneceu por séculos à sombra, quase invisível aos olhos da história contemporânea. Esse silenciamento não se deve, contudo, à ausência do documento, mas à forma como ele foi editado e transmitido. Quando A. H. Thomas publicou as versões modernizadas dos *Rolls* nas primeiras décadas do século XX, manteve uma estrutura geralmente detalhada e abrangente. No entanto, no volume em que aparece o interrogatório de Rykener, ele optou por condensar o caso em uma única linha, descrevendo-o apenas como o “interrogatório de dois homens acusados de imoralidade”, um deles envolvendo “pessoas de ordens religiosas”⁴. A partir dessa coletânea de Thomas, Boyd e Karras apresentam a transcrição da versão em latim bem como uma tradução para o inglês. No decorrer desse artigo, optamos pela tradução da versão em latim organizada pelos referidos autores.

O documento é datado de onze de dezembro de 1394, “no décimo oitavo ano do Reinado do Rei Ricardo II”⁵, em Londres, Inglaterra, e menciona que dois indivíduos foram trazidos “perante John Fressh, prefeito, e os vereadores da cidade de Londres”⁶. O conteúdo trata do interrogatório de John Britby e Eleanor Rykener, que se torna, ao longo do depoimento, o foco ao narrar parte de suas vivências que têm relação direta ao delito pelo qual se encontram presos.

Nesse documento, não vemos uma exceção quanto à abordagem que apaga a existência de pessoas *queer*. O caso de Eleanor Rykener, e aqui usaremos o nome Eleanor em favor de como a própria o diz “[...] chamando a si de Eleanor”⁷, traz uma série de informações, assim como a falta delas, que suscitam questões quanto à natureza do crime que o interrogatório alega por ela ter sido cometido, bem como conceitos que seriam aplicados ou não neste caso tão intrigante. Para auxiliar nossa leitura, faremos uso das discussões de gênero de Judith Butler, entendendo que “[...] gênero é sempre um feito [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é

⁴ Trecho em inglês: “Examination of two men charged with immorality, of whom one implicated several persons, male and female, in religious orders” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. The Interrogation of a Male Transvestite Prostitute in Fourteenth-Century London. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 1 (4), 1995, p. 459–465, aqui: p. 460).

⁵ Trecho em latim: “Undecimo die Decembris anno regni regis Ricardi secundi decimo octavo” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. The Interrogation of a Male Transvestite Prostitute. *Op. Cit.*, p. 461).

⁶ Trecho em latim: “coram Johanne Fressh maiore et aldermannis civitatis Londoniensis”, *Idem*, p. 461.

⁷ Trecho em latim: “[...] se Elianoram nominans” (*Ibidem*, p. 461).

performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados”⁸. Desta forma, o conceito da performatividade se apresenta como gênero entendido dentro de noções de instabilidade, apesar de tentar se construir como um modelo de classificação substantiva que pressupõe uma ordem binária de gênero e sexo. Butler aborda este aspecto instável da concepção de gênero afirmando que:

Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição, não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino.⁹

Dentro deste debate, Butler questiona desde a binariedade do gênero até a distinção de gênero e sexo, postulando que as construções de categorias quanto ao feminino e ao masculino não se encerram em noções de sexo como algo incontestável, afinal, a própria definição de sexo faz parte do aparato performático e possui construções por trás da mesma que lhe dão o aspecto de *natural* e *absoluto*. Embora tal teoria não tenha sido pensada e explicitada pela autora a princípio em termos de vivência e expressão *queer*, sua proposta tem sido apropriada e adaptada para anseios circunstanciais desta comunidade. Butler, posteriormente, irá reiterar a importância do termo manter sua instabilidade, e ser, portanto, “apropriado, torcido, estranhado (*queered*) por um uso anterior que se orienta para propósitos políticos urgentes e expansivos”¹⁰. Também não haverá receio em pontuar a existência *queer* no medievo, considerada muitas vezes como anacrônica, uma vez que o próprio exercício de se olhar o passado é anacrônico em si, uma vez que sempre são propostas questões e anseios do presente para fontes e temporalidades passadas¹¹. *Queer* será compreendido, aqui, tanto em seu aspecto teórico quanto em sua perspectiva metodológica. Nesse sentido, Jagose ao discorrer sobre o conceito de *queer* define que este

⁸ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 44

⁹ *Idem*, p. 21.

¹⁰ Trecho em inglês: “[...] redeployed, twisted, queered from a prior usage and in the direction of urgent and expanding political purposes.” (BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex*. Oxfordshire: Routledge, 1993, p. 228).

¹¹ LORAUX, Nicole. Elogio do Anacronismo. In: Novaes, Adauto (org). *Tempo e História*. São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 57-70.

[...] descreve gestos ou modelos analíticos que dramatizam incoerências nas alegadamente estáveis relações entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual. Resistindo a esse modelo de estabilidade - que reivindica a heterossexualidade como sua origem, quando é mais apropriadamente seus efeitos - queer concentra-se nas discrepâncias entre sexo, gênero e desejo¹².

Pensar questões de performatividade através de um olhar *queer* pressupõe, portanto, estranhar o documento e os conhecimentos produzidos acerca deste: “desconfiar do que está posto e olhar de mau jeito o que está posto”¹³.

John Britby e outra pessoa que se auto identifica como Eleanor Rykener foram encontrados em um ambiente público de Londres cometendo o que é descrito em vários trechos como “aquele detestável, não mencionável e ignominioso vício”¹⁴, “delitos detestáveis”¹⁵, “aquele ato libidinoso e detestável”¹⁶, “vício abominável”¹⁷. Ainda que tenhamos optado por traduzir o termo *vitium* como vício, nesse contexto específico, assume-se a qualidade do ato como um delito, como atentado ao pudor¹⁸. Configura-se, portanto, um crime especificamente relacionado a uma questão de transgressão da ordem pública, ficando um pouco mais claro do que se trata na sequência do documento, quando Britby declara que teria solicitado se poderia “agir libidinosamente com ela”¹⁹. Fica implícita, assim, a noção de carnalidade, do ato sexual. O depoente ainda assevera que Eleanor cobrou pelo serviço e foram até o local para consumá-lo. Consentimento esse confirmado por Eleanor.

O interrogatório segue com os relatos de Rykener sobre suas diversas experiências, as quais podem ser divididas em sexuais e sociais. Nos aspectos referentes aos serviços sexuais, entendidos assim, pois sempre há menção ao pagamento, notamos que Eleanor menciona manter relações com homens e com mulheres. Nessas performances sexuais,

¹² Trecho em inglês: “[...] describes those gestures or analytical models which dramatise incoherences in the allegedly stable relations between chromosomal sex, gender and sexual desire. Resisting that model of stability - which claims heterosexuality as its origin, when it is more properly its effects - queer focuses on mismatches between sex, gender and desire” (JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory: An Introduction*. New York: Melbourne University Press, 1996, p. 3).

¹³ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 67. Para uma discussão mais ampla e aprofundada em relação à metodologia queer, indica-se: OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. No meio do mundo, *aquendar* a metodologia: notas para *queerizar* a pesquisa em currículo. *Práxis Educativa*, vol. 11, núm. 2, pp. 332-356, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/894/89442687002/html>. Acesso em: 10 nov. 2025.

¹⁴ Trecho em latim: “[...] illud vitium detestabile, nephandum, et ignominiosum committentes” ((BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. *The Interrogation of a Male Transvestite Prostitute*. *Op. Cit.*, p. 461).

¹⁵ Trecho em latim: “maleficiis detestabilibus” (*Idem*, p. 461).

¹⁶ Trecho em latim: “illud actum libidinosum et nephandum” (*Ibidem*, p. 461).

¹⁷ Trecho em latim: “abominabile vitium” (*Ibidem*, p. 461).

¹⁸ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 11ª ed. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000, p. 1285.

¹⁹ Trecho em latim: “si cum ea libidinoso agere possit” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. *The Interrogation of a Male Transvestite Prostitute*. *Op. Cit.*, p. 461).

Eleanor tanto transita na masculinidade, quando se deita com mulheres “de modo viril”²⁰, quanto na feminilidade, no momento em que se refere às figuras masculinas, sendo elas “um reitor de Essex, três estudiosos de Oxford, quatro franciscanos, um carmelita, três capelães e muitos padres”²¹. Já no que se refere às suas atuações sociais, Rykener, além dos serviços sexuais, ganhou a vida como bordadeira²² e trabalhando “no ofício de taberneira”²³.

Para tentar compreender a expressão de gênero performada por Eleanor, precisamos explorar outros dois conceitos, que nos auxiliarão a entender categorias que poderiam ser aplicadas a Rykener, sendo elas a prostituição e a sodomia.

Karras aponta o fato de, durante o medievo, haver imprecisões em se definir o que seria a prostituição: ora esta estaria vinculada à questão monetária e ora à promiscuidade²⁴. Na visão da autora, a sociedade medieval ao perceber a prostituição como necessária buscava maneiras de controlá-la²⁵. Nesse contexto, levantamos a hipótese de que o depoimento de Rykener perante as autoridades locais poderia estar inserido, portanto, nesses atos de controle.

Boyd e Karras pontuam, nesse contexto, o quanto existia a construção de uma imagem do que seria uma prostituta, e que a estrutura da sociedade inglesa levaria a se entender prostitutas como um tipo de pessoa, ou seja, um componente da personalidade, e não uma forma de agir. Seguindo nesta linha, se vê que:

Aqueles que fazem sexo por dinheiro são um grupo reconhecido; mas devido ao modo que meretrização e prostituição eram definidos, qualquer mulher que seja sexualmente divergente, ou qualquer mulher que não estivesse sob o controle de um homem, poderia ser inserida nesse grupo também. [...] Dessa maneira, prostituição esta intimamente ligada à feminilidade²⁶.

Sendo assim, quando Rykener é visualizada como inerentemente um homem, imediatamente é descartada a possibilidade de seu entendimento, e, portanto, acusação

²⁰ Trecho em latim: “modo virili” (*Idem*, p. 462).

²¹ Trecho em inglês: “an Essex rector, three Oxford scholars, four Franciscans, one Carmelite, three chaplains and many priests” (BLUD, V. *The Unspeakable, Gender and Sexuality in Medieval Literature, 1000–1400*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2017, p. 61).

²² Trecho em latim: “in arte de brouderer” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. *The Interrogation of a Male Transvestite Prostitute. Op. Cit.*, p. 462).

²³ Trecho em latim: “in officio de tapster” (*Idem*, p. 462).

²⁴ KARRAS, Ruth Mazo. Prostitution in medieval Europe. In: BULLOUGH, Vern L./ BRUNDAGE, James A. (org.). *Handbook of medieval Sexuality*. New York: Garland Publishing, 2000, p. 243-260, aqui: p. 243.

²⁵ *Idem*, p. 250.

²⁶ Trecho em inglês: “Those who had sex for money were a recognized group; but because of the way whoredom or prostitution was defined, any man who was sexually deviant, or any woman who was not under the control of a man, could be placed in that group as well. [...] In this way, prostitution was intimately tied up with femininity” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. “Ut Cum Muliere”: A Male Transvestite Prostitute in Fourteenth Century London. In: *Premodern Sexualities*, editorado por Louise Fradenburg and Carl Freccero. Londres: Routledge, p. 99-116, 1996, aqui: p. 105).

como prostituta, apesar de performar feminilidade. Seguindo nessa linha, podemos pensar que “É significativo que a performance de Rykener não se limitasse às vestimentas”²⁷, seus modos e suas atividades não apenas fazem com que seja visualmente reconhecida como uma mulher, como também legitimam os próprios anseios de Eleanor, uma vez que os empregos que Rykener relata ter exercido elucidam a performatividade de gênero dela através de suas atividades laborais (não limitadas ao sexo por dinheiro), como explica Beattie ao afirmar que:

Parece que Rykener viveu como uma mulher enquanto esteve em Oxfordshire, trabalhando primeiro como bordadeira (“in arte de brouderer”) e depois como taberneira (“in officio de tapster”). Embora homens pudessem bordar e vender cerveja, essas eram ocupações geralmente exercidas por mulheres na Inglaterra do final da Idade Média. Rykener é, portanto, mais do que um homem que veste roupas femininas e mantém relações sexuais com homens. Ele também afirma ter vivido e trabalhado como uma mulher. Isso talvez sugira uma profunda identificação feminina de sua parte²⁸.

Nesse sentido, Rykener se legitima como mulher para si e para os outros através da performance de empregos entendidos como tipicamente femininos e que a excluam de ser vista única e exclusivamente como prostituta. Para além disso, seu sexo anatômico²⁹ aponta para a impossibilidade da acusação ou menção de que ela seria uma prostituta, pois tal categorização imediatamente a interpretaria como uma mulher perante a lei.

Quanto à questão relacionado a se Rykener seria sodomita ou não, Boyd e Karras destacam que a sodomia se caracteriza, muitas vezes, mas nem todas, como o ato de ter relações sexuais que envolvessem penetração anal (incluindo relações cis-heterossexuais)³⁰. No entanto, Rykener *borra* as linhas de gênero ao se apresentar como Eleanor. Embora seja tomada como um homem pelo interrogatório, os atos sexuais por ela praticados, quando não são nomeados usando palavras de cunho negativo para descrevê-los (“aquele detestável, não mencionável e ignominioso vício”³¹), são, então, descritos como de uma mulher (“Disse também que certo Philip, reitor de Theydon Gernon, tivera relações com o mesmo John

²⁷ Trecho em inglês: “It is significant that Rykener’s performance was not limited to clothing” (KARRAS, R. M.; LINKINEN, T. . John / Eleanor Rykener Revisited. In Doggett, L E.; O’Sullivan, D. E. (eds.). *Founding Feminisms in Medieval Studies: Essays in Honor of E. Jane Burns*. Cambridge: D. S. Brewer, 2016, p. 111–124, aqui: p. 115).

²⁸ Trecho em inglês: “It seems that Rykener lived as a woman while in Oxfordshire, working first as an embroiderer (‘in arte de brouderer’) and then as a barmaid (‘in officio de tapster’). While men could embroider and sell ale, these are both occupations usually practised by women in late medieval England. Rykener is, therefore, more than a man who wears female clothing and has sex with men. He also claims to have lived and worked as a woman. This perhaps suggests a deep feminine identification on his part” (BEATTIE, Cordelia. *Gender and Femininity in Medieval England*. In: PARTNER, N. F. (ed.). *Writing Medieval History*. London: Bloomsbury Academic, 2005, p. 153–170, aqui: p. 157).

²⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. *Op. cit.*, p. 196.

³⁰ BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. “Ut Cum Muliere”. *Op. cit.* p. 106.

³¹ Trecho em latim: “[...] illud vitium detestabile, nephandum, et ignominiosum committentes” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. *The Interrogation of a Male Transvestite Prostitute*. *Op. Cit.*, p. 461).

Rykener como se com uma mulher”³²). Essa performatividade de gênero de Rykener faz com que tanto o escrivão quanto o outro depoente - John Britby - oscilem em suas menções. Vale aqui mencionar que há trechos em que o pronome utilizado na língua latina para se referir à Rykener não a marcam nem como masculino nem como feminino. Conforme afirmado por Boyd e Karras: “o feminino é usado somente duas vezes ao se referir a Rykener, ambos de forma indireta”³³. Britby confessa que percebeu Rykener como uma mulher:

O referido John Britby, interrogado sobre isso, confessou que, ao passar pela rua régia de Cheapside, no domingo, entre as horas supraditas, viu o dito John Rykener, adornado com vestes femininas, e, suspeitando que fosse mulher, o seguiu, pedindo-lhe, como se fosse de uma mulher, se poderia ter relações libidinosas com ele³⁴.

Como afirmado do Dinshaw, Rykener, por sua vez, responde ao desejo de John Britby dentro de um padrão heterossexual e parece também agir conforme esse modelo, pois relata ter relações sexuais como mulher somente com homens e, como homem, apenas com mulheres. Nesse esquema, as noções de masculino e feminino se vinculam aos papéis de ativo e passivo³⁵. Boyd e Karras asseveram, assim, a incapacidade de categorizar sua existência como sodomita, ao afirmar que:

Assim somos deixados com um cenário fascinante: enquanto Rykener talvez tenha se envolvido com prostituição, ele não é identificado como prostituta; enquanto ele possa ter praticado sodomia, ele não é claramente identificado como sodomita. Ele é identificado como um homem que abandonou sua identidade genderizada e se tornou uma mulher, envolvendo-se em relações sexuais com homens sendo ‘como uma mulher’³⁶.

Carolyn Dinshaw também irá discutir como Rykener borra as concepções pré-estabelecidas de gênero³⁷, utilizando-se das expectativas quanto ao corpo feminino e da performatividade feminina,

³² Trecho em latim: “Item dixit quod quidam Philippus, Rector de Theydon Gernon, concubuit cum eodem Johanne Rykener ut cum muliere [...]” (*Idem*, p. 462)

³³ Trecho em inglês: “The feminine is only used twice to refer to Rykener, both in indirect speech” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. “Ut Cum Muliere”. *Op. cit.*, p. 113).

³⁴ Trecho em latim: “Qui quidem Johannes Britby inde allocutus fatebatur quod ipse per vicum regium de Chepe die dominica inter horas supradictas transiens, dictum Johannem Rykener vestitu muliebri ornatum, ipsumque mulierem fore suspicantem fuerat assecutus, petens ab eo, tanquam a muliere, si cum ea libidinoso agere possit.” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. *The Interrogation of a Male Transvestite Prostitute. Op. Cit.*, p. 461).

³⁵ DINSHAW, Carolyn. *Getting Medieval: Sexualities and Communities, Pre- and Postmodern*. Durham: Duke University Press, 1999, p. 108.

³⁶ Trecho em inglês: “We are thus left with a fascinating scenario: while Rykener might have engaged in prostitution, he was not identified as a prostitute; while he might have practiced sodomy, he was not clearly identified as a sodomite. He was identified as a man who had forsaken his gendered identity, and had become a woman, engaging in sexual intercourse ‘as a woman’.” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. “Ut Cum Muliere”. *Op. cit.*, p. 108).

³⁷ Existe um debate constante quanto a concepções de sexo e gênero no medievo, e de muitas maneiras, este artigo entende-se como parte desse debate, uma vez que pretende enriquecer as perspectivas possíveis de se pensar

para capitalizar, e até mesmo, se legitimar. A autora conclui sobre o interrogatório que “[...] O texto de Rykener nos permitiu especificar como as categorias baseadas na heterossexualidade são confundidas, mostram-se inadequadas e são contaminadas pelo *queer*”³⁸.

Embora as produções destes autores tenham permitido que diversos questionamentos fossem feitos, e respostas emergissem, como foi pontuado anteriormente, são produções historiográficas dos anos 90, que apagam Rykener como uma mulher, e que ainda se apegam a termos como *cross-dressing* e *travestismo* ou enfatizam a questão da sodomia³⁹. Estes termos seriam revisitados, e *corrigidos* por Karras junto de Linkinen quando os autores reconhecem Rykener como uma pessoa transgênero, dentro de sentidos e compreensões mais amplas do termo⁴⁰. Karras e Linkinen vão afirmar que:

Dizer que Rykener “se identificava como” homem ou mulher é, em si, problemático, pois as pessoas medievais não faziam distinção entre sexo, gênero e orientação sexual, nem operavam com os mesmos conceitos de identidade que o Ocidente contemporâneo. [...] É precisamente porque as categorias utilizadas pelas pessoas medievais são diferentes das contemporâneas que o caso e as personagens se tornam interessantes. Mas o caso também é relevante de outra forma: ele nos sugere como os historiadores podem usar a imaginação - uma imaginação inevitavelmente moldada pela cultura em que vivemos - para preencher as lacunas do registro, tomando cuidado para notar onde termina a evidência e começa a imaginação⁴¹.

categorias de gênero muitas vezes vista como imutáveis e inquestionáveis. Destacamos aqui duas interpretações recorrentes em relação à análise do sexo no medievo. Thomas Laqueur conclui que a Idade Média não via homens e mulheres como opostos biológicos fixos, mas como variações dentro de uma mesma escala de natureza. Daí resulta sua tese de um único sexo durante o medievo (LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001). Joan Cadden, entretanto, vai defender que há sim duas formas de se compreender o sexo durante o período, as quais delimitam o que é próprio do feminino e do masculino (CADDEN, Joan. *Meanings of sex difference in the Middle Ages: Medicine, Science, and Culture*. New York: Cambridge University Press, 1995). Ao pensarmos em Rykener como uma figura que rearranja concepções de gênero, o pressuposto de um ou dois sexos dentro das concepções medievais foge do nosso escopo de análise, uma vez que o importante na análise aqui conduzida é o aspecto performativo (visual, sexual e laboral) de sua construção como uma mulher, sendo assim, o gênero apresenta características atribuídas ao feminino que Rykener irá utilizar-se para obter reconhecimento, dinheiro, presentes ou satisfação sexual.

³⁸ Trecho em inglês “[...] Rykener text has allowed us to specify how heterosexually based categories are confused by, inadequate to, and contaminated by the queer.” (DINSHAW, Carolyn. *Getting Medieval*. *Op. cit.*, p. 113).

³⁹ BYCHOWSKI, Gabrielle M. W.; KIM, Dorothy. *Visions of Medieval Trans Feminism: An Introduction*. *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality*. Kalamazoo, v. 55, n. 1, p. 6-41, 2019. Disponível em: <https://scholarworks.wmich.edu/mff/vol55/iss1/2/>. Acesso em: 20 set. 2023, aqui: p. 28.

⁴⁰ KARRAS, R. M.; LINKINEN, T. John / Eleanor Rykener Revisited. *Op. cit.*, p. 111.

⁴¹ Trecho em inglês: “To say that Rykener “identified as” a man or a woman is itself problematic, because medieval people did not distinguish among sex, gender, and sexual orientation, or operate with the same concepts of identity as the contemporary West. [...] It is precisely because the categories medieval people used are different from contemporary ones that the case and the characters become interesting. But the case also matters in another way: it suggests to us how historians can use imagination – an imagination inevitably shaped by the culture in which we live – to fill in the gaps in the record, while being careful to note where evidence ends and imagination begins” (*Idem*, p. 113).

Quando pensamos a figura de Eleanor, dentro dos critérios postos acima, ela só tem a enriquecer perspectivas históricas e a historiografia, especialmente quando produzida pensando justamente nos anseios da *atualidade*, e não em pautar definições fixas e certas sobre o *passado* que a fonte nos apresenta. As problemáticas que apresentamos até aqui tem sido essencialmente uma forma de se tentar compreender a existência, o relato e as implicações que Eleanor teve dentro do espaço e temporalidade que se encontraria, dentro de uma leitura, uma escrita historiográfica, que aborda a perspectiva *trans* e *queer*. Mas até agora, o que pôde ser entendido, considerando o quão maleáveis são as categorias de identidades do medievo tardio inglês em comparação ao dito *Ocidente* contemporâneo, foi o que Rykener não seria, seja pela ausência de definições ou pela amplitude de categorias em que ela se apresenta e é apresentada em seu relato: Rykener não é exclusivamente prostituta e muito menos interpretada como sodomita.

Portanto, como deveríamos entender Rykener? Afinal, quem, poderíamos dizer, que foi Eleanor Rykener? Para responder este questionamento, pode-se pensar o conceito de performatividade de gênero como algo que *está* e não que *é*. De acordo com Bychowski, *trans* pode ser entendido como um verbo, ou seja, uma ação, que pode ser flexionada e fluida, portanto, se *está trans*, ao contrário de ver *trans* como adjetivo, ou seja, uma característica estática, se *é trans*⁴². A mesma palavra é usada muitas vezes como prefixo, exprimindo quase sempre o fato de uma ação, que ocorre algum tipo de mudança, movimento ou passagem (transformar, transmitir, transportar, transcrever...), e em boa parte dos casos, é utilizada em verbos.

Assim, Eleanor Rykener *estaria trans*? Henningsen afirma que sim, e que não apenas ela se apresenta como Eleanor, ou seja, querendo ser registrada no interrogatório como uma mulher, mas também que através dos serviços que prestou buscava atingir o reconhecimento como mulher⁴³. Como discutido anteriormente, a prostituição é extremamente atrelada ao feminino e a uma performance de feminilidade⁴⁴. Eleanor foi ensinada a se prostituir, a se portar e se passar como uma mulher, e enquanto o faz, sua *passabilidade*⁴⁵ não parece ter sido questionada por nenhum dos clientes. Além dos serviços sexuais como prostituta, Rykener também trabalha como bordadeira e atendente em uma

⁴² BYCHOWSKI, Gabrielle M. W. Trans textuality: Dysphoria in the depths of medieval skin. *postmedieval: a journal of medieval cultural studies*. Cleveland, v. 3, n. 3, p. 318-333, set., 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/s41280-018-0090-6>. Acesso em: 20 set. 2023, aqui: p. 320.

⁴³ HENNINGSEN, Kadin. "Calling [herself] Eleanor": Gender Labor and Becoming a Woman in the Rykener Case. *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality*. Kalamazoo, v. 55, n. 1, p. 249-266, 2019. Disponível em: <https://scholarworks.wmich.edu/mff/vol55/iss1/9/>. Acesso em: 20 set. 2023.

⁴⁴ BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. "Ut Cum Muliere". *Op. cit.*, p. 104.

⁴⁵ O conceito de passabilidade garantiria por si só um longo e exaustivo debate, tanto de seu significado quanto das problemáticas que seu uso carrega, mas aqui o entendemos como o "grau de 'credibilidade' visual que uma pessoa tem ao ser reconhecida em seu gênero quando as pessoas lhe fazem julgamentos visuais. É não sermos questionados em relação ao gênero que desejamos expressar" (JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014, p. 133).

taberna, serviços carregados de um estigma feminino, e que a legitimam como mulher naquela sociedade. Nota-se, Rykener não foi presa e levada a depor por vestir-se, agir, trabalhar e ser compreendida *como mulher*, mas sim pelo fato de ser um perigo à ordem ao ser pega realizando atos sexuais, que sequer são nomeados, em um local público, como podemos ver no trecho:

Que, pedindo dele pagamento por seu serviço, consentiu, e assim, passando juntos um de cada vez, foram até o estábulo mencionado para completar o ato. Contudo, ali mesmo, foram capturados pelos oficiais supracitados em seus atos detestáveis, e até agora permanecem detidos na prisão, etc.⁴⁶.

Seu crime não está em *quem é*, mas sim no *que fez*, e ainda assim, não existem evidências que suportem que isso foi, afinal, visto como crime, pois o interrogatório é inconclusivo, uma vez que não têm sentenças ao final (e nem acusações diretas ao longo do texto).

Rykener não apenas era lida como uma mulher em investidas sexuais ou durante os atos sexuais que praticava em posição entendida como feminina, mas também foi encorajada e auxiliada por outras pessoas⁴⁷. Podemos ver um claro exemplo disso quando Eleanor diz ter aprendido a praticar o sexo de forma feminina com Anna, uma meretriz, e ter sido ensinada a vestir roupas femininas com Elizabeth Brouderer, a qual instruiu a filha a como se prostituir. De acordo com Beattie, “O apelido de Elizabeth, “Brouderer”, sugere que ela era bordadeira, e parece provável que ela seja a mesma Elizabeth que, em 1385, foi acusada nos tribunais de Londres de receber garotas como aprendizes na arte do bordado e de fazê-las trabalhar como prostitutas”⁴⁸. O fundamental aqui é que são dois indivíduos reconhecidos como mulheres e que trabalham diretamente com prostituição, que ensinam Eleanor a performar como uma mulher, a ser vista e assumida como mulher.

Entender *trans* como um verbo, ou seja, uma ação, de trajetória, de mudança e passagem, permite que entendamos que a convivência em sociedade exige ações para que seja possível legitimar o gênero de uma pessoa. No caso de Rykener, as vestimentas, o trabalho, o modo como se chama e age e até mesmo seu desempenho em atos sexuais é o que vai a legitimar como mulher: para além de *ser trans*, Rykener *está trans* em cada uma das ações que toma para estabelecer que é uma mulher. Foram suas ações que levaram historiadores a discutir sua relevância para estudos de gênero no futuro, para que se possa

⁴⁶ Trecho em latim: “Qui ab eo argentum pro labore suo petens sibi consentiebat, invicem transeuntes ad illud complendum usque stallum predictum. Ipsi tamen tunc ibidem per ministros predictos in eorum maleficiis detestabilibus capti fuerunt, carcere vero mancipati hucusque, etcetera” (BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. The Interrogation of a Male Transvestite Prostitute. *Op. Cit.*, p. 461).

⁴⁷ HENNINGSEN, Kadin. “Calling [herself] Eleanor”. *Op. cit.*, p. 252.

⁴⁸ Trecho em inglês: “Elizabeth’s byname, ‘Brouderer’, suggests that she was an embroiderer and it seems likely that she was the same Elizabeth who, in 1385, was accused in London’s courts of taking in girls as apprentices in the craft of embroidery and getting them to work as prostitutes” (BEATTIE, Cordelia. Gender and Femininity in Medieval England. *Op. cit.*, p. 157).

dizer que pessoas já buscavam maneiras de *transicionar* no medievo, pois a transição, assim como a afirmação de gênero para as pessoas cis, está sempre acontecendo, é necessário performar e reiterar⁴⁹. Rykener usou das ferramentas que dispunha em uma temporalidade em que não havia métodos médicos para se realizar a *transição* e, através do trabalho e da afirmação social, se legitima como alguém que *está trans*, em uma performance de gênero⁵⁰.

É importante notar que a concepção de ‘trans’ como um verbo pode parecer que pressupõe a necessidade de uma ‘transição’ com procedimentos médicos e cirúrgicos, mas de forma alguma é isto que se implica. Afinal, “[...] transição não é um ponto entre pontos, nem um fluxo caótico sem direção”⁵¹. Transição, e portanto, *estar trans* envolve o movimento de uma trajetória, e não apenas a identificação com um gênero binário oposto ao designado quando uma pessoa nasce, mas também a não identificação com as normas estabelecidas pela sociedade predominantemente hétero e cis.

Considerando o que foi posto, podemos ainda pensar em como Eleanor também se relacionou sexualmente, e em quais termos podemos entender sua identidade de gênero ao longo de seu relato. Leituras *queer* que tragam à tona perspectivas não binárias de figuras presentes em fontes podem se estender para além do que o termo *trans* é capaz de abarcar. Em outra perspectiva, podemos visualizar o gênero de Eleanor de forma fluida, especialmente pelo modo como se pode presumir que ela performou e apresentou-se no masculino até ser vestida e ensinada a se portar nos atos sexuais *como uma mulher*, ou pelo modo como esta, ao se relacionar com outras mulheres, diz ter performado tal ato de forma masculina. Tommony e Forster vão explicar este entendimento dizendo que:

[...] Rykener não era transgênero, mas gênero-fluido- - e que referir-se a ela⁵² apenas como “Eleanor” restringe e representa de forma incorreta o dinamismo e a elasticidade do gênero de Rykener - além de construir sua identidade como algo estático. Ainda assim, a razão pela qual Rykener pôde existir dentro dessa categorização subversiva de identidade de gênero foi porque ela era trabalhador(a) do sexo - e existia na periferia da sociedade, junto a vários grupos “outros” e marginalizados, excluídos da sociedade dominante⁵³.

⁴⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. *Op. cit.*

⁵⁰ HENNINGSEN, Kadin. “Calling [herself] Eleanor”. *Op. cit.*

⁵¹ Trecho em inglês: “[...] transition does not merely mark a point between points, nor is it a chaotic flow without direction.” (BYCHOWSKI, Gabrielle M. W. *Trans textuality*. *Op. cit.*, p. 320).

⁵² Optamos por traduzir o uso das expressões *hir* e *ze* como *elu*, com a intenção de manter a utilização de uma expressão neutra de gênero na escrita dos autores, que abarque a representação linguística de pessoas gênero-fluido e mantenha o significado de sua escrita.

⁵³ Trecho em inglês: “[...] Rykener was not transgender, but genderfluid – and that to refer to hir solely as ‘Eleanor’ further restricts and misrepresents the dynamism and elasticity of Rykener’s gender – and constructs hir identity as something static. Yet, the reason that Rykener was able to exist within this subversive categorisation of gender identity was because ze was a sex worker– and existed on the periphery of society alongside various ‘othered’ and marginalised groups excluded from within dominant society” (TOMMONY, Isabelle; FORSTER, Carla M. *Margins Undefined: The flexibility of gender boundaries in the European Middle Ages*. *Bristol Institute for Learning and Teaching (BILT) Student Research Journal*, n. 5, 1 jul. 2024, aqui: p. 8).

Dentro desta perspectiva, ousada e importante para discussões de gênero, a existência de Eleanor Rykener estaria condicionada ao ambiente socioeconômico que aceitaria, ou ao menos ignoraria sua existência dissidente, que, dentro desta visão, seria uma existência que não se encaixa em padrões binários de gênero, mas que tampouco constitui a identidade de uma mulher trans. Tal percepção, no entanto, pode ser problematizada quando pensamos na existência de Rykener pela ótica de *trans* como um verbo, e, portanto, em um estado constante de ação, que não se limita a alterar-se de uma existência estática de gênero para outro, como se as concepções de masculino e feminino fossem também estáticas. Interpretar Rykener como uma mulher trans não é tornar sua existência estática, mas justamente reconhecer a capacidade performática e instável de gênero que perpassa o medievo. Ainda pode-se pontuar o modo como Rykener é posta no campo de gênero-fluido sem levar em consideração a sua sexualidade, que não é limitada ou descrita como estática em qualquer momento, uma vez “ter desejo sexual por homens e mulheres poderia tornar alguém bissexual, mas isso não afeta necessariamente a identidade ou a expressão de gênero da pessoa”⁵⁴. Classificar Rykener como gênero-fluido usando como base o fato de ter se relacionando com homens e mulheres de maneiras diferentes, é desconsiderar a capacidade de uma existência bissexual que não se encaixa em modos binários de se entender as relações sexuais performadas por pessoas trans.

Ainda pensando-se nas categorias de identidade de gênero postas na contemporaneidade sobre Eleanor, e em como a própria se entendia e se definiria no passado, Karras e Linkinen asseveram que:

Embora não saibamos como Rykener se identificava, é seguro afirmar que “transgênero” não era essa identificação. É mais provável que ela se considerasse ou um homem agindo como uma mulher, ou uma mulher; mas não sabemos qual das duas opções. No entanto, o termo “transgênero”, justamente por poder abranger tantas possibilidades de “variação em relação às normas e expectativas de gênero”, é relevante para discutir Rykener. A ideia de “transgênero” surgiu porque a sociedade moderna, ao menos alguns de seus segmentos, marcados por posições específicas de classe e raça, separou orientação sexual e identidade de gênero. [...] A sociedade medieval não fazia essa distinção, assim como nem todas as pessoas contemporâneas a fazem, mas isso não significa que não possamos aplicá-la de forma analítica aos indivíduos medievais sobre os quais temos evidências para trabalhar. Se fôssemos pensar nas pessoas medievais apenas em termos medievais, não haveria análise⁵⁵.

⁵⁴ Trecho em inglês: “having sexual desire for both men and women might make one bisexual, but it does not necessarily affect one’s gender identity or presentation” (KARRAS, R. M.; LINKINEN, T. . John / Eleanor Rykener Revisited. *Op. cit.*, p. 115).

⁵⁵ Trecho em inglês: “While we do not know what Rykener’s self-identification would have been, it is safe to say that “transgender” was not it. Ze most likely would have thought of himself as either a man acting as a woman, or as a woman; but we do not know which. Nevertheless the term “transgender,” precisely because it can cover so many possibilities in “variation from gender norms and expectations,” is relevant for discussing Rykener. The idea of “transgender”

O cenário apresentado pelos autores nos mostra o quanto é impossível darmos respostas definitivas quanto à identidade de Rykener através de seu relato usando de parâmetros contemporâneos, mas que é justamente neste espaço entre o indistinguível e as capacidades de interpretação que está a força e o poder do Interrogatório de Eleanor Rykener. Como foi pontuado, se não deixarmos de entender o medievo como um espaço intocável no qual não se devem ser postas questões que falem do presente, análises seriam impossíveis, e poderíamos dizer, até mesmo inúteis. Nesse sentido, a análise que fazemos é uma de diversas interpretações possíveis de serem feitas do interrogatório de Eleanor, não se atendo a juízos de valor quanto à fonte e seus personagens, mas o quanto é possível se entender os anseios do presente e torná-los razoavelmente debatíveis com produções, sejam elas escritas ou não, do passado.

Sendo assim, Eleanor poderia ser vista como um exemplo, de que no medievo, havia por parte da própria personagem desta fonte um *esforço* (seja nos empregos que atuou, nas roupas que vestiu ou no modo como performou sua sexualidade) e uma série de ações que precisavam ser tomadas para a afirmação de sua identidade de gênero, mesmo que jamais tenha se identificado dentro da concepção moderna do termo *trans*, e assim, *transicionar* não é apenas um procedimento médico, é uma luta, de afirmação, de constante performance, que, pelas métricas da sociedade, precisa ainda ser validada. Neste sentido, talvez se possa pensar em certos aspectos, como o fato de Eleanor Rykener ter sido encorajada e auxiliada a ter empregos para além da prostituição, não ser denunciada anteriormente, e pela expressão de condenação que já vimos aqui estar atrelada muito mais ao espaço de realização de seus atos sexuais do que à sua vivência, comportamento e vida cotidiana como mulher. Podemos, assim, pensar quanto a presença de um grau de compreensão do gênero como performance no medievo e uma convivência com corpos trans no medievo diferente do que o modo como a contemporaneidade os vê e os trata, usualmente, com desprezo, ojeriza, negligência e até negacionismo de sua existência, seja no passado ou no presente.

A vivência de Rykener é uma declaração: *trans* é continuidade! Pessoas *trans* existiram, existem e existirão, é um verbo dedicado a falar do infinito, do que sempre ocorrerá. Em conclusão:

Pode parecer hiperbólico dizer que os estudos medievais trans podem salvar vidas. Mas, ao afirmar que pessoas trans têm um passado reconhecido, elas podem imaginar melhor um futuro. Desse modo, acreditamos que nosso trabalho sobre o passado é contar a história das vidas trans com os objetivos

emerged because modern society, at least some pockets of it distinguished by particular class and racial positions, has separated sexual orientation and gender identity. [...] Medieval society did not make that distinction, as indeed not all contemporary people do, but that does not mean that we cannot make it analytically about those medieval individuals about whom we have evidence to work with. If we must think of medieval people only in medieval terms there would be no analysis" (*Idem*, p. 114)

políticos, interseccionais e comunitários de construir um futuro para as vidas trans no presente. No mínimo, esse trabalho depende e apoia aquelas pessoas trans e intersexo que conseguiram continuar vivendo e trabalhando em circunstâncias muitas vezes inviáveis. Vale a pena parar para considerar todas as coisas que poderíamos ter visto e todas as formas que poderíamos ter aprendido a enxergar, se apenas nossas histórias, nossas sociedades e nossas escolhas políticas tivessem apoiado melhor aquelas que perdemos⁵⁶.

Entender a importância de se estudar e investigar fontes que trazem histórias de pessoas trans, as questões que foram suscitadas inicialmente, quanto à identidade de Eleanor, ou como entender sua identidade trans, nos conduzem a outro questionamento importante que esta fonte nos faz pensar: Por que falar de vivências trans? A performatividade de Eleanor certamente não incomodou apenas as autoridades londrinas do século XIV, nem o escrivão que nos relatou sua história, mas perturba ainda historiadores na atualidade. Para além das classificações pejorativas quanto à sua performance, temos a interpretação de Goldberg que pontua, chamando Eleanor no masculino, a existência, no reinado de Ricardo II, de uma tendência literária ao *sarcasmo* presente no interrogatório⁵⁷, que buscava criticar a época na qual foi produzida, utilizando da *caricatura* de Eleanor Rykener para construir a imagem de uma pessoa desonesta e categorizando-a como “[...] um homem mascarando-se de mulher”⁵⁸. O autor então resume seu ponto de vista quanto ao interrogatório da seguinte maneira:

Este, então, é um texto fabricado pelos escrivães letrados em latim que atuavam no tribunal do prefeito, que tinham acesso e eram versados na diplomática dos rolos de Pleas e Memoranda, e estariam excepcionalmente bem informados sobre os acontecimentos atuais e os assuntos da cidade⁵⁹.

Esta leitura atribuí à Eleanor um espaço de *ficção*, criada única e exclusivamente para ser uma crítica aos tempos de Ricardo II, às ordens e figuras religiosas com quem Rykener teria se relacionado e às autoridades londrinas. Ainda que Goldberg defenda a tese de que se trata de um interrogatório fictício, a narrativa traz uma imagem interessante, que ao ser acionada pode apontar para o fato de que a possibilidade de uma pessoa como Rykener seria comum ao cotidiano londrino. Nesse sentido, Bennett afirma que “As repetidas incursões de

⁵⁶ Trecho em inglês: “It may seem hyperbolic to say that trans medieval studies might save lives. But by saying that trans people have an acknowledged past, trans people can better imagine a future. In this way, we believe our work on the past is to tell the story of trans lives for the political, intersectional, and community aims of building a future for trans lives now. At the very least, this work depends on and supports those trans and intersex persons who have been able to keep on living and working in often unlivable circumstances. It is worth pausing to consider all the things we might have been shown and all the ways we might have learned to see if only our histories, our societies, and our political choices better supported those we have lost” (BYCHOWSKI, Gabrielle M. W.; KIM, Dorothy. *Visions of Medieval Trans Feminism. Op. cit.*, p. 10).

⁵⁷ GOLDBERG, Jeremy. John Rykener, Richard II, and the Governance of London. *Op. Cit.*, p. 68.

⁵⁸ Trecho em inglês: “[...] a man masquerading as a woman” (*Idem*, p. 50).

⁵⁹ Trecho em inglês: “This then is a text fabricated by the Latin-literate clerks who serviced the mayor’s court, who had access to and were versed in the diplomatic of the Plea and Memoranda rolls, and would have been unusually well informed in current events and the affairs of the city” (*Ibidem*, p. 69).

Rykener no espaço entre o “masculino” e o “feminino” talvez tenham sido tão pouco notáveis nas ruas da Londres do século XIV quanto seriam hoje em Soho”⁶⁰.

No entanto, esta abordagem de Goldberg não se atém às formas como a própria fonte se comunica⁶¹. Se entendermos Eleanor como um produto fictício de escritoras, qual seria a origem do receio em chamar Eleanor de sodomita? Quando pensamos a ausência de termos acusativos, apesar de, como vimos anteriormente, existirem termos pejorativos para seus atos sexuais, a falta de acusações diretas na fonte, que circularia entre um grupo limitado de pessoas, nos faz pensar nas motivações para sua escrita ser tão confusa quanto aos crimes e à identidade de Eleanor. Mais do que isso, a constante percepção de sodomia e prostituição na análise de Goldberg⁶², parece ignorar, ainda que ele mencione, as análises de Boyd e Karras⁶³ e Dinshaw⁶⁴.

Bychowski vai criticar diretamente a abordagem de Goldberg afirmando que:

Certamente, Goldberg reconhece que sua especulação não encontrará concordância universal. De fato, seu argumento sobre a ficcionalidade do texto é apresentado como ‘um salto imaginativo’. [...] Embora o argumento de Goldberg seja distinto, em aspectos importantes, de outras produções acadêmicas mencionadas, seu artigo sinaliza (pode-se dizer, “apito-de-cachorro”) muitos padrões problemáticos na produção acadêmica cis sobre Rykener, que associa a ideia de uma mulher trans medieval ao impossível, ao indizível e ao irrealista⁶⁵.

Levando a visualização de Eleanor como uma “pornografia política” como faz Goldberg⁶⁶, podemos entender tal abordagem, como aponta Bichowski, na forma de deslegitimação e condicionamento a uma história, pautada única e exclusivamente em identidades, performances e vivências cisgênero, e categorizando tudo que foge a esta normativa como dentro do espaço do impossível.

A interpretação de Goldberg, que busca falar dos anseios no reino de Ricardo II, talvez fale mais sobre os anseios e medos da contemporaneidade do que da fonte que ele busca analisar sem considerar até mesmo o nome e gênero pela qual a personagem, seja ela fictícia

⁶⁰ Trecho em inglês: “Rykener's repeated forays into the space between 'male' and 'female' might have been as unremarkable in the streets of fourteenth-century London as they would be in Soho today” (BENNETT, J. M. *England: Women and Gender*. In: RIGNY, S. H. (ed.). *A Companion to Britain in the Later Middle Ages*. Blackwell Companions to British History. Oxford: John Wiley & Sons, 2003, p. 87–106, aqui: p. 88).

⁶¹ GOLDBERG, Jeremy. John Rykener, Richard II, and the Governance of London. *Op. Cit.*

⁶² GOLDBERG, Jeremy. John Rykener, Richard II, and the Governance of London. *Op. Cit.*, p. 63.

⁶³ BOYD, David Lorenzo; KARRAS, Ruth Mazo. “Ut Cum Muliere”. *Op. cit.*

⁶⁴ DINSHAW, Carolyn. *Getting Medieval*. *Op. cit.*

⁶⁵ Trecho em inglês: “Certainly Goldberg acknowledges that his speculation will not find universal agreement. Indeed, his argument about the fictionality of the text is presented as ‘an imaginative leap.’[...] While Goldberg’s argument is distinct in important ways from the other scholarship mentioned, his article signals (one might say “dog-whistles”) many problematic patterns in cis scholarship about Rykener that associates the idea of a medieval trans woman with the impossible, the unspeakable, and the unrealistic.” (BYCHOWSKI, M. W. *The transgender turn*. *Op. cit.*, p. 100-101).

⁶⁶ GOLDBERG, Jeremy. John Rykener, Richard II, and the Governance of London. *Op. Cit.*, p. 66.

ou não, prefere ser chamada. Este tipo de leitura desta fonte expressam o modo como a escrita historiográfica condicionada dentro de um *cistema*⁶⁷ profundamente transfóbico se constrói, pois fala justamente do medo e perturbação que a existência trans causa naqueles que lidam com ela apagando-a e deslegitimando as vivências e performances de pessoas trans. Quando pensamos neste *cistemático* modo de se (des)visualizar vidas trans, o protesto de Bychowski ecoa em profunda indignação quanto ao tratamento historiográfico quanto à performatividade trans: “[...] eu estou cansada de vidas trans serem meramente entendidas negativamente, pelo modo como perturbamos as teorias e histórias de outras pessoas”⁶⁸.

Considerando as questões que trouxemos aqui, através das quais pensamos quem é Eleanor e como sua história se faz tão presente no contemporâneo, seja pelo apagamento a ela imposto, ou pelo empoderamento e referência de existência válida que ela traz do século XIV para o século XXI, é importante reconhecer que a própria autoria da fonte afirmava a insistência de Eleanor em ser identificada por esse nome. Seja Eleanor uma ficção ou uma vida real, cabe ao fazer historiográfico analisar as múltiplas possibilidades de identificação atribuídas aos (e pelos) sujeitos em diferentes temporalidades ao invés de pressupor que suas existências são alegorias com fins políticos. A análise de Goldberg certamente enriquece a perspectiva quanto à existência de Eleanor⁶⁹, observando o profundo contexto que seu interrogatório se encontra, mas o autor parece ter ignorado uma observação que Dinshaw realizou 15 anos antes: “Esta é a beleza e o terror, talvez, da comunidade *queer*, constituída por nada mais do que a conexão (mesmo através do tempo) de vidas singulares que revelam e contestam a normatividade”⁷⁰.

A contestação da normatividade e do *cistema* que Eleanor já causou e continua causando permite que sua narrativa seja muito mais do que uma sátira, ela não está presa como crítica ao século XIV, ela ainda incomoda e perturba teorias e visões do século XXI e deixa questões a serem pensadas quanto à sua existência. Neste artigo, mais do que buscarmos saber quem é Eleanor e como ela ainda é importante, ansiamos, afinal, que ela

⁶⁷ A categorização que aqui utilizamos de “cistema” segue em concordância com a afirmação de Bychowski quanto a uma produção sistemática de historiografia que pressupõe identidades cisgênero como inerentes e automáticas, inviabilizando qualquer outra identidade dissidente que posso enfrentar este “cistema” (BYCHOWSKI, M. W. *The transgender turn. Op. cit.*, p. 95).

⁶⁸ Trecho em inglês: “[...] I am tired of transgender life merely being understood negatively, by how we disturb other people’s theories and histories.” (BYCHOWSKI, Gabrielle M. W. *The Authentic Lives of Transgender Saints: Imago Dei and imitatio Christi in the Life of St Marinos the Monk*. In: Spencer-Hall, Alicia; Gutt, Blake (ed.). *Trans and Genderqueer Subjects in Medieval Hagiography*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2021, p. 245-265, aqui: p. 261).

⁶⁹ GOLDBERG, Jeremy. John Rykener, Richard II, and the Governance of London. *Op. Cit.*

⁷⁰ Trecho em inglês: “This is the beauty and terror, perhaps, of queer community, constituted by nothing more than the connectedness (even across time) of singular lives that unveil and contest normativity” (DINSHAW, Carolyn. *Getting Medieval. Op. cit.*, p. 138).

continue sendo, como Dinshaw afirma, o terror e a beleza que conecta vidas e performances *queer* ao longo do tempo⁷¹.

Recebido em 07 de outubro de 2025

Aceito em 17 de novembro de 2025

⁷¹ *Idem*, p. 138.